Centro universitário de Brasília-UniCeub
Faculdade de Educação-FACE
Departamento de História
monografia
Professora: Helen Ulhôa Pimentel

**CANGACEIRAS: REBELDIA, ROMANTISMO E
LIBERDADE**

Flávia Santana dos Santos

Brasília
2005

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a minha professora e orientadora Helen pelos momentos, de incerteza e angustias, divididos. A Ludimila e Joelma, mulheres guerreiras e fonte de inspiração. Ao Francisco, meu amigo, amante e companheiro de renascimentos. E a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para as minhas descobertas.

*Aos meus mais intensos momentos, passados e futuros. Aos meus renascimentos,
sorrisos e lágrimas. A minha mãe,
quem primeiro me deu a possibilidade do ser ou do vir a ser. Aos versos escritos, os
poemas vividos, as músicas ouvidas, aos livros lidos ou deixados sobre a estante,
aos encantos e desencantos das descobertas e a perspectiva de transgressão.*

Sumário

<i>Apresentação</i>	5
<i>Introdução</i>	6
 <i>Capítulo I: Visão d'elas História d'eles</i>	
<i>1.1 Perspectiva histórica</i>	9
<i>1.2 Da historiografia</i>	13
<i>1.3 Historia delas vistas por elas</i>	17
 <i>Capítulo II: Cultura Popular</i>	
<i>1.1 Romeu e Julieta: amor em tempo de cangaço</i>	23
<i>1.2 Mulheres Cantadas e contadas no Cordel</i>	26
 <i>Capítulo III: Encontro Mercado.</i>	
<i>1.1 Cangaceiros:mulheres divinas, convite a transgressão</i>	32
<i>1.2 Visão dos volantes</i>	35
<i>1.3Considerações finais Cangaceiras :Rebeldia,Romantismo e Liberdade</i>	40
<i>Fontes</i>	44
<i>Bibliografia</i>	45
<i>Filmografia</i>	47
<i>Anexo</i>	48

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa histórica procura enveredar-se, pelos discursos que marcaram e marcam a entrada da mulher no cangaço. É uma análise das formas como as mulheres cangaceiras são descritas ao longo da história, seja por elas mesmas que com o cangaço, consciente ou inconsciente terão suas trajetórias marcadas pela transgressão; ou mesmo pelos Volantes representantes do Estado; os próprios sertanejos do qual elas são parte integrante, como também dos cangaceiros que com sua inserção terão uma transgressão no seu imaginário, Imaginário este que parafraseando Tânia Navarro Swain estabelecem estereótipos e paradigmas absolvidos e normatizados socialmente.

Terá sido à entrada das mulheres uma revolução para o cangaço? As mulheres marcam realmente a decadência do cangaço, como foi percebido por alguns, desvirilizando simbolicamente os homens? Essas questões, que fazem parte do universo de pesquisa de poucos estudiosos, compõem o campo da pesquisa hora exposta, buscando entender como essas questões foram embasadas por diferentes grupos em diferentes momentos históricos.

A paixão segundo Maria Bonita e Lampião, criada, pensada e vivida por indivíduos como um sonho ou como um mito, é assumida por uma coletividade que não só veicula o mito, mas apropria-se do mesmo. Essa apropriação permanece como uma invenção coletiva, compartilhada pela comunidade sertaneja e até certo ponto pela sociedade brasileira (Lins: 1997;40).

Essa perspectiva pode ser observada nos depoimentos dessas mulheres, como de seus familiares, em jornais do período e livros escritos posteriormente pelas próprias cangaceiras. Percebe-se, em face desse material, uma tentativa de homogeneização do comportamento das mulheres nordestinas e mais especificamente das cangaceiras.

Logo, como comenta Tânia Navarro Swain, na trama do social, “criam-se as noções de evidente, natural, universal, bloqueando inclusive a possibilidade de se pensar o heterogêneo. O outro só pode ser percebido enquanto cópia imperfeita, no domínio da identidade coletiva. O heterogêneo é relegado ao imaginário-fantástico, oriundo de costumes, modos de vida, de estruturas coletivas de pensamentos que simplesmente não serão os seus (1994; 50)”.

A entrada das mulheres no cangaço veio transgredir essa estrutura, marcando um novo momento vivenciado por homens e mulheres e pelo próprio grupo de Lampião. É também o marco para uma nova organização do cangaço. Elas rompem com os papéis estabelecidos para elas e ingressam em um mundo cercado, limitado e dominado pelo universo masculino.

Neste trabalho, utilizo-me da perspectiva de gênero. Esta concebe as relações entre os sexos não como um dado natural, mas uma relação social construída e incessantemente remodelada, que reverbera nos moldes das representações sociais em que fomos construídas, ensinadas, preparadas para repetir e reinstaurar uma realidade solidificada em cânones interpretativos. Nesta análise, a mulher é vista não como um objeto, e sim o seu lugar, a sua condição, os seus papéis, os seus poderes, as suas formas de ação, o seu silêncio e as suas palavras.

Aborda-se, nesta pesquisa, o universo feminino no imaginário do cangaço, considerando as representações produzidas, as revoluções praticadas e os sonhos vividos, sem relegar a figura das mulheres a um segundo plano ou a condição de objeto de estudo.

Para tanto é utilizado, além da perspectiva de gênero, a metodologia da Análise de Discurso. Esta interroga a lingüística, pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o materialismo relacionado ao inconsciente sem ser absorvida por ele, nos apontando uma nova forma de fazer história, além de um binarismo simplificador.

É uma análise feminista na medida em que procura se situar numa perspectiva igualitária e aberta a diferentes interpretações. Os feminismos tem sido uma das perspectivas responsáveis pela crítica das ciências, das verdades e valores instituídos e transformados em leis, é obra desconstrutoras de realidades criadas e cristalizadas. Esta corrente trabalha para a construção de uma história plural destruidora das evidências e instauradora das diferenças. Uma história atenta às discontinuidades e voltada para as construções dos saberes.

Vagamente ouvimos falar do cangaço e mais vago ainda da importância das mulheres que dele participaram.

Comumente as vemos como mulheres de cangaceiros, mas quem foram essas mulheres?

Foram elas heroínas ou meninas moças sem juízo atraídas por um guerreiro fabricado pela fantasia popular, como comumente são descritas na literatura e análises de estudiosos?

Quem são os detentores do discurso corrente a respeito do cangaço e, mais especificamente da entrada de mulheres neste universo? Quais as justificativas para a constituição e permanência dos discursos a que temos acesso?

Nota-se ao estudar o movimento do cangaço uma exclusão da mulher da bibliografia geral sobre o mesmo, o feminino está presente somente nas entrelinhas, como um acidente ou objeto de transgressão. Assim sendo adentremos neste contexto social permeado de rebeldia e romantismo.

Capítulo I: Visão d'elas História d'eles

*Nem toda palavra fala
Nem todo silêncio cala
Nem toda bala é fatal
Nem todo rio transborda
Nem todo partido é horda
Nem todos roem a corda
Nem todo tudo é total
(Augusto Cacá)*

1.1 - Perspectiva histórica

O sertão Nordestino por volta de 1930 gesta uma sociedade fundamentada no patriarcalismo, altamente estratificada entre homens e mulheres, entre ricos e pobres, entre brancos e caboclos (FALCI, 2004: 242). Região marcada pelo predomínio das tradições e costumes.

O fenômeno do coronelismo, segundo Edgard Carone, é responsável pela existência de poderes fragmentados, encontráveis em toda a extensão do Brasil. A realidade destas situações levam a uma antinomia constante, que se traduz na existência de um sistema constitucional em face da permanência de formas de predomínio e ação pragmática. O resultado é a contradição constante entre formas constitucionais e realidade, o direito e a força.

Esses conflitos e paradoxos reverberam na mentalidade nordestina, gera uma situação de instabilidade que repercute na estrutura social e comportamental tanto no universo masculino, quanto no feminino reproduzindo arquétipos. Não importa se mulheres ricas ou analfabetas, temos a padronização e normatização de certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos.

Nesse imaginário vigora uma separação entre masculino e feminino, a diferença entre os sexos, entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo. Norteados pelos

preceitos da moral judaica-cristã, a mentalidade nordestina vê a mulher como portadora do sofrimento, luto, errância, insatisfação, infidelidade, divisão e enfraquecimento. Através de Eva o homem conhece os pecados da carne esta percepção configura-se em uma das formas que a mulher será compreendida no universo do Cangaço.

Daniel Lins relata que em algumas críticas formuladas pelos amigos ou inimigos de Lampião, desenha-se a figura de um guerreiro às voltas com a tentação de um outro estranho ao bando, a mulher. Para o autor Maria Bonita, a mais conhecida das cangaceiras, foi excomungada não só por ser mulher, mas como rival, imaginária ou real dos cangaceiros que até então eram considerados o vínculo mais intenso de Lampião. Para Lins é notória a reação dos diversos grupos em forma de ciúmes ou de luto de policiais, cangaceiros ou especialistas misóginos, são as conseqüências de um narcisismo ferido.

(...) O ingresso das mulheres no grupo veio atrapalhar os planos do rei do cangaço, servindo de entrave aos assaltos premeditados, passando a ser dominado por Maria Bonita, que gostava muito dele pelo simples fato de ser valente, esta qualidade muito lhe atraiu, a tal ponto de deixar o marido, Manoel de Neném, para viver com o bandido, mesmo cego de um olho, preto, feio e fedorento. Mas, como dizem que a mulher só não se casa com o sapo porque não sabe distinguir o sexo.(...) (Silva, 1982, p. 201).

É interessante notar a dualidade presente nas interpretações e nos discursos proferidos a respeito das mulheres cangaceiras como também um olhar discriminatório característico do período. O limite entre o romance e a história, a verdade e a ficção não nos aparecem claramente.

Amaury Corrêa de Araújo, em seu livro *Lampião, as mulheres e o cangaço*, declara:

Nas noites quentes, com a lua cheia iluminando o sertão saliente, os casais não se inibiam com a presença de outros a poucos metros, e entretinham-se no jogo mais antigo do mundo, o jogo do amor. (Araújo, 1985: 319).

Dessa forma, um novo imaginário sexual vai produzir um estilo no qual se pode detectar tanto o modelo sadiano, o mundo habitado, sobretudo pelas mulheres, veículos de prazer sem limites á disposição do homem, quanto o ideal de um universo onde os homens felizes são aqueles que fogem das mulheres.(Lins, 1997: 63).

Logo, ao mesmo tempo em que se condenava essa transgressão feminina marcada por sua inserção no cangaço, alimentados pelos mitos populares sonhava-se com os corpos das cangaceiras, com o amor de ficção, representados simbolicamente por elas, nas caatingas do sertão.

A entrada de Maria Bonita no universo cangaceiro, até então masculino, é tido como preâmbulo para outras mulheres. Dada. Dulce. Rosinha, Sila, Adília, Adelaide, Enedina, Maria Fernandes, Áurea, Maria Cardoso, Lídia, Florência, Otília, Maria Jovina, Gertrudes, Durvalina, Liônila, Lili, Sabina, Mariquinha, Ana, Nenê, Antonia Maria, Maria de Azulão, Inacinha, Eufrosina, Maria Isidoro, Laura, Cristina, Sebastiana entre outras teve.A primeira vista nos parede apenas uma seqüência aleatória de nomes femininos, mas todas elas tiveram suas existências marcadas por suas trajetórias junto ao movimento denominado cangaço. Quem são essas mulheres? O que as motiva a adentrar nesse universo dominado pela figura masculina?

Um das respostas plausíveis para tais questionamentos encontram-se na origem social do cangaço. Como explicita Miridan Knox Falci, as mulheres de classes mais abastadas não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe, e prendas domésticas. Outras menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores e bordados. As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento. Eram, pois, costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras.

Faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher.

No entanto a origem social não se apresenta como único retrato a refletir uma justificativa para suas escolhas, algumas mulheres ricas, vão integrar o cangaço por outras razões isentas do aspecto econômico ou social. Talvez seduzidas pelo ideal de transfiguração e da imagem utópica a se formar no imaginário popular, ao qual tinham acesso através das histórias narradas e cantadas pelo cordel a correr todo sertão nordestino.

A ex cangaceira Doninha (Laura) é uma ilustração dessa busca. Ela vai compor o bando de Lampião tocada, como afirma Lins, pela vertigem, pelo risco e

(...) andou se oferecendo para acompanhar qualquer um dos cabras que a quisesse(...) fechadas por cupido ou propiciando ao deus do amor o treinamento de sua pontaria no coração de seu leito (Araújo, 1985, 383).

Assim sendo muitas mulheres viam no cangaço, influenciadas pelo imaginário permeado de histórias fantásticas e pela possibilidade de um espaço de liberdade e de rebeldia, uma fuga da estrutura que as afugentava. A possibilidade de um outro mundo a se formar, este repleto de poesia, de aventura, de paixão e combate. Uma provável fuga da vida insípida que lhes era imposta até então.

1.2 -Da historiografia

Mesmo os estudiosos que apresentam o cangaço como uma história masculina, vão se ver obrigados a incluir em seus escritos à trajetória feminina. Uma vez que esta marca um novo momento, alterando comportamentos e introduzindo uma nova literatura. Daniel Lins compreende este período como: a fase amorosa do cangaço que ameaça a fronteira entre o público e o privado. Para ele ao lado dos discursos bélicos vai emergir um discurso libidinal e erótico.

Frederico Bezerra Maciel afirma que:

(...) A influencia de Maria Bonita sobre Lampião, e conseqüentemente no cangaço, foi relevante, modificando certas relações da vida cangaceiresca, alterando costumes de linguagem solta e humanando mais a rudeza de aspecto e dos sentimentos daqueles guerrilheiros das caatingas. Sua presença feminina tornou-se espécie de carta de abecê assoletrada pelo cangaceiro para as normas de sua comportamento.(...) (Maciel, 1987; 63)

Nota-se uma continuidade no discurso, pois ao mesmo tempo em que o autor afirma a transgressão causada pela inserção das mulheres, este não as isenta de seus papéis sociais pré-estabelecidos de esposas dedicadas, companheiras ou de mães. Apenas desloca a mulher do que seria seu ambiente “natural”, convencional e determinado socialmente para um outro universo onde seu arquétipo permanece imutável. Para ele a fraqueza de Lampião estava na força do amor de Maria Bonita a quem a tudo o rei do cangaço atendia, o que torna o seu discurso contraditório, paradoxal.

Atribui a mulher um papel, dentro do movimento do cangaço, conciliador e brando, que vai de encontro a teoria cujas mulheres aparecem como sujeitas responsáveis pela desvirilização do cangaceiro e em geral do cangaço.

(...) Ela, por seu carinho e dedicação absoluta, lhe esmerilharia as arestas do caráter rijo, tornando-o mais condescendente, insinuando-o a resolver as afrontas por menos, abrandando-lhe os modos imperiosos de exigir. Assim, muitas situações conseguiu ela adiar. E disto bem sabiam os cangaceiros: qualquer pedido dela Lampião dificilmente deixaria de acatar...(Idem, *Ibidem*; 65).

Parafraseando Maciel aberta às portas do cangaço foi um vem-vem delas, vexadinhas, chegando de suas moradias para seus companheiros enrabixados. Todas dedicadas a seus amantes a quem serviam na vez de esposas e mães, e nos combates como guerrilheiras auxiliares. Este afirma ter sabido as mulheres honrar o título que lhes era honroso – Mulher de Cangaceiro. Percebe-se que as mulheres são abordadas como o outro, esta não se configura em sujeito ativo e como tal transformador de sua história, mas como mulher de cangaceiro, passiva e ciente de seu papel enquanto tal.

Na perspectiva de Lins a história oral apresenta o casal Maria Bonita e Lampião como o exemplo de fidelidade suprema e de amor sem medidas, transformando-os em personagens de conto. Cada um pode imaginar, sonhar, fazer de sua consciência infeliz um trampolim para a poesia, uma viagem nas asas do desejo. Ele relata que o primeiro gesto de Lampião foi integrar Maria Bonita ao bando, assim ele a batizou dando-lhe um nome de guerra como fazia com cada novo cangaceiro. Este gesto poderia refletir que a entrada das mulheres no cangaço era vista e aceita por Lampião da mesma forma que este aceitava aos homens, logo se destituiu a mulher dos atributos que a classificam como femininas. Tal fato contradiz a perspectiva de Maciel. Lins afirma que:

(...)As raras biografias ou estudos sobre as mulheres cangaceiras privilegiam a excepcionalidade ou a desmesura. Na prática do mal como do bem, os escritos tendem a fazer da dura vida das mulheres não mais apenas a causa de seus estatutos de mulheres sacrificadas, mas a conseqüência de uma predisposição inata ao sofrimento e ao repúdio. Inscritas numa fatalidade própria de sua

natureza, em um universo no qual as heroínas, mais ainda do que batalhadoras, são mulheres que nasceram não apenas para gerar, mas para renunciar ao desejo, portanto, ao gozo e a liberdade.(...) (1997; 50)

Portanto Lins salienta uma característica historiográfica que se centra na construção da história das mulheres cangaceiras pautadas no mito das heroínas excepcionais e extemporâneas, uma rosa vermelha em meio as brancas.

Apesar da diferença de retórica, os autores trabalham a reflexão da imagem e papel das mulheres através dos olhos de Lampião, do bando, dos sertanejos e em última instância das mulheres passivas e moldadas. É a história delas vista e contada por eles.

Têm-se inúmeros estudos a respeito de Lampião, ora bandido, cangaceiro feroz, assassino cruel e criminoso irreversível, ora apresentado de uma forma humanizada, homem do bem que acuado pela ordem social vigente no sertão, revolta-se contra ela e é posto fora da lei. No entanto quando nos voltamos para o estudo da figura feminina neste universo ouvimos uma voz calada e quando muito cochichando cabisbaixa uma história presa a prosa terna do amor e ao seu mágico encanto romantizado. Nota-se uma omissão chegando a se tornar uma repressão que para Foucault (1988, 10).

(...) funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber (...).

No entanto o cerne da questão não é a verificação óbvia do silêncio, da romantização e repressão da figura feminina no universo do cangaço, e sim verificar, analisar e refletir sobre o porque de tais discursos serem repetidos, construídos e aceitos por grande parte dos estudiosos do cangaço. As relações de poder

apresentadas nesta relação mulher/homem no cangaço é relegada à alteração da moda cangaceira ou a humanização de homens até então perversos.

1.3 - Historia delas vistas por elas

Como nos tornamos o que somos? As mulheres numa trilha de busca da profundidade do apagamento se vêem frente a tal indagação. Nesta busca, como explicita Valeska Wallerstein, batalham por uma identidade da diferença, uma identidade da visibilidade.

Através dos depoimentos e descrições presentes no livro de Sila, que se intitula uma cangaceira de Lampião, podemos ver impresso a visão de uma mulher a procura da visibilidade até então negada historicamente. Esta não escolheu entrar para o cangaço, foi escolhida por ele. Num primeiro momento para ser mulher de Zé Baiano e em seguida, por meio de um acordo do qual nunca soube qual, foi transferida para Zé Sereno. Sila descreve o momento em que seu irmão lhe informa que fora escolhida:

Parou um pouco, olhou de um lado para outro, como se quisesse verificar se havia alguém nos ouvindo e finalmente informou-me que os cabras de Lampião haviam arranchado no riacho e, entre eles, um tal Zé Baiano queria me conhecer. E isso teria de acontecer na manhã seguinte. (Sousa:1984: 20)

Sila relata que durante toda uma noite passou a refletir uma maneira de mostrar ao cangaceiro, que a escolheu, que não pretendia ser um deles. Pois a muito ouvia falar dos cangaceiros e da vida que levavam, conhecia inúmeras histórias sobre Lampião e sua imagem associada a satanás que rouba, bate e abusa de mulheres. Afirma muitas vezes ter ouvido sua madrinha as alertar quanto ao perigo de serem roubadas por cangaceiros. No dia do encontro fez questão de não se arrumar, acreditava que quanto mais mal apresentada menos chamaria a atenção do cangaciero. A única forma de não se tornar cangaceira seria através da desistência daquele que a escolhera.

No entanto fora escolhida, e sua vida no cangaço foi carregada de dureza, fugas, tiroteios e solidariedade para ela homens e mulheres, eram todos cabras de Lampião. A sua estada no cangaço durou dois anos, período este responsável pela mudança de percepção quanto ao movimento, o seu código de ética e o seu companheiro.

A figura de Lampião e Maria Bonita são apresentadas por ela do mesmo modo que a cultura popular também os apresenta. Figuras mitológicas, detentores de um amor transfigurado em prazeres e sonhos. Como os homens ela sabia que o cangaço não era brincadeira, no entanto acreditava na construção da vida a partir da morte, percepção esta desenvolvida no transcorrer de sua vida no movimento, ao qual passou a entender como um movimento pré-revolucionário. Um movimento dos oprimidos, dos camponeses, dos injustiçados e marginalizados pela lei.

Quanto à transgressão, descritas por alguns estudiosos, representada pela sua entrada e das outras mulheres ao bando em poucas passagens do seu livro se refere, quando o faz e para relatar a forma igualitária e respeitosa que eram tratadas por Lampião que empunha a mesma conduta ao restante do bando. Ao longo de seu livro nos dá a entender que antes de se ver como mulher, via-se como cangaceira e como tal exposta aos mesmos sabores e dissabores do grupo, e nordestina. Sila em seus relatos não se refere a uma trasvaloração da idéia de família.

Encerra o seu livro declarando que:

(...) O tempo passou. Sofrimento, felicidade, tristeza, lágrimas, choro, risos, insucessos, realizações, alegrias, dores, saudade, lembranças, misturaram-se no cálice da vida e os dias foram se escoando, pintando-nos os cabelos de branco e bordando de rugas nossas faces. Contudo, a certeza maior permaneceu indelével ao longo dos anos: valeu a pena ter vivido essa maravilhosa experiência ao lado de Lampião, pois ele foi um homem de bem. (Idem: *Ibidem* ; 104)

É interessante notar, através da citação, que sua satisfação advem do seu convívio com Lampião e não de uma fuga ou alternativa de vida.

Diferentemente de Sila Adília entra para o bando movida pelo amor que sentia por um dos cangaceiros Canário, escolhendo o cangaço para sobreviver e desfrutar da satisfação do amor realizado. Ela já namorava Canário antes mesmo dele ser cangaceiro e desde estes tempos sua família se colocava contra tal relacionamento. Desta forma o cangaço surge como uma alternativa de fuga e realização. No entanto sua vida no cangaço vai configurar-se como todas as vidas de cangaço que em depoimento dado posteriormente a Sila declara:

(...)Correr ou atacar, morrer ou matar, era a vida que qualquer cangaceiro tinha, não fui muito de brigar, como Sila, Maria e outras, eu era mais acomodada, mas mesmo que eu quisesse não podia, pois meu companheiro ciuava até das quixabeira.(Idem:Ibdem; 120)

Adília relata ter ido para o cangaço a procura de amor e de uma vida melhor, mas que ao contrario foi parar, segundo suas próprias palavras, no inferno, não pelo cangaço, mas pelo relacionamento que manteve com seu companheiro, que lhe proporcionava grande infelicidade. Sua vida de cangaço não foi menos amarga, sofrida e repressiva do que a que vivera fora dele. Conta não sentir saudade desse tempo, de sua dureza e dos fardos vividos por ela como um destino cruel, sem fantasia e humilhada pelas volantes. Ela relata guardar do cangaço um sabor amargo.

Através dos relatos de Adília nos é possível constatar uma certa permanência da estrutura da família patriarcal que vigorava fora do cangaço, onde a mulher se configura como submissa ao poder representado pela figura masculina.

Outra importante e conhecida cangaceira foi Dadá, esta foi raptada por Corisco como forma de vingança contra seu pai. Depois de raptada se viu

apaixonada por Corisco que para ela transformou-se em um ser digno de admiração.

Em entrevista concedida ao jornal Nacional de Salvador em 1988, afirma que as mulheres de seu tempo poucas eram apuradas, ou seja, preparadas para enfrentar as adversidades típicas do período. Ela foi uma cangaceira arrojada. Sabia usar uma arma de fogo e um punhal, afirma ter lutado muito para sustentar não só seu amor, mas também sua vida e família.

Relata que em sua vida de cangaço Corisco sempre lhe dizia:

(...) a mulher é uma jóia, leite, uma flor, se tocou, machuca; o leite , quanto mais forte o vento, cai uma poeira, suja, pois assim mesmo uma mulher no falar, no andar: a mulher pra ser uma mulher completa, tem modo até no pisar. Eu queria que você fosse assim (...)
(SOARES: 1984, 16)

No entanto para ela o destino e a vida lhe ensinaram a negar ou romper com essa idealização de mulher. Dada afirma que com a vida que vivia aprendeu a atirar e se adaptar a nova realidade que lhe fora imposta.

Em entrevista concedida a Paulo Gil Soares José Rufino, responsável pela morte de Corisco, quando indagado a respeito de Dada como mulher e como cangaceira, afirma ter sido esta uma mulher endiabrada, mulher valente. Para ele nem todo homem tinha a coragem que ela tinha. Corisco só não se entregou, segundo o volante, porque Dada disse que ele não se entregava, era uma mulher que quando dava uma ordem os cabra cumpria aquilo aqui e ali cegamente.

Dessa forma as mulheres cangaceiras cocientes ou inconscientemente vão além da perspectiva sertanejos que reflete uma nação de espoliados,

injustiçados e dominados. Estas vão para o cangaço e ganha a dimensão de mito, o máximo da alegria e da liberdade a engrossar a rebeldia cangaceira.

Essas mulheres, levadas pelo imaginário romântico obrigadas ou raptadas subvertem os papéis até então impostos a elas e a própria tradição do cangaço. No entanto não são só as cangaceiras a transgredir a ordem, ao aceitar as mulheres, Lampião também subverteu a norma social, declara-se uma nova ordem amorosa, provoca-se um furacão, uma desordem numa ordem aparente. Para Lins:

(...) A mulher cangaceira representou, de fato, uma ameaça à ordem simbólica do cangaço; mais ainda, à ordem simbólica sertaneja, sociedade na qual as bases materiais ou imaginárias dessa ordem pertenciam a desordem instituída. A mulher vai, pois, nesse contexto, aparecer como a matriz de verdadeiros agenciamentos coletivos de socialidade no interior do cangaço (...) (Lins:1997; 122)

Daniel Lins explicita que até hoje, ao conversar com algumas jovens sertanejas sobre o tempo de cangaço, revela-se uma vontade de romantismo, como imagem plena, sem outra explicação que o desejo de representação, de aventura, de amor ou risco:

Minha avó falava com entusiasmo do cangaço. Quando comecei a estudar em Salgueiro e a seguir em Recife, pude fazer a diferença entre o que os livros contavam e o que minha velha avó narrava sobre Maria Bonita e Lampião. Tudo era amor, paixão, sonho, luta, fugas, lua cheia, o chorar de uma viola, os beijos roubados entre a cortina de balas e o perigo de um tiro certo. Prefiro a história contada por minha avó; ela falava de aventura; os livros falam de bandido, demônio. Enquanto minha avó narrava a vida de Maria Bonita como um conto de fada no qual o problema da verdade era secundário, a história mente, dando à mentira um estatuto científico.(Marlene, universitária) (Idem:Ibdem;69)

Nota-se que a dualidade em relação as versos contadas pelo imaginário popular e pelos livros. No primeiro temos a recorrência a uma história atemporal permeada de romantismos e aventuras; a segunda denota uma análise do movimento enquanto reação aguda contra a estrutura social vigente, que como expressa Rui Facó, provocando duas reações o cangaço e o fanatismo.

Logo na sociedade brasileira, assim como na nordestina, historicamente o medo das mulheres, marcado muitas vezes pelo repúdio radical do homem ao feminino, é um signo da cultura ocidental bem presente no imaginário. A tradição portuguesa via na mulher a “porta do diabo”, dessa forma traz para o Brasil uma infinidade de superstições sobre as mulheres e o sexo feminino, algumas beirando o medo patológico, ou a demência. Características estas sempre presentes na construção e leitura da mulher cangaceira durante e depois do movimento do cangaço.

Capítulo II: Cultura Popular

A morte dos amantes

*Vamos ter leitos de sutis odores,
Divas que ás fundas tumbas são iguais,
E sobre a mesa as mais estranhas flores,
Brotando para nós no azul em paz.*

*Ambos queimando os últimos ardores,
Meu coração e o teu, flamas sensuais,
Refletirão em dobro as suas cores
Em nossas almas, dói gêmeos cristais.*

*Por uma tarde mística e envolvente
Trocaremos um só lampejo ardente
Como o soluço em cada adeus sentido;*

*Pouco depois um Anjo, abrindo a poeta,
Há de avivar, alegre e enternecido,
Os cristais já sem brilho e as chamas mortais.*

1.1 - Romeu e Julieta: o amor em tempo de cangaço

Assim como em Romeu e Julieta de Shakespeare. Lampião e Maria Bonita vão ser expressos na cultura popular como a concretização de um amor onde tudo voa e tudo se precipita. Neles faz-se presente a paixão amorosa que assinala os amantes com a degradação e a morte, essa perspectiva é considerada

tanto em trabalhos acadêmicos que abordam o imaginário, quanto nos livros de literatura que trabalha com esse imaginário e em alguns momentos se apresenta como parte dele.

Romeu e Julieta, Lampião e Maria Bonita são vistos como dois amantes cuja vida não tem outros segredos que os da natureza, onde a noite tem sombras e a obscuridade só pertence à morte. Através do livro de Shakespeare pode-se fazer a analogia entre os dois casais de amantes e perceber que, assim como é explicitado por Shakespeare, também Maria Bonita e Lampião reverberam a imagem de que não são senhores seus, ambos os casais, caminham para frente arrebatados pela força do sentimento que os domina até que caem ‘exaustos’, ébrios de paixão e se entregam por completo ao sentimento. (...)As suas almas já não têm mistérios, já não existe vida íntima, oculta e pessoal; pensam alto, falam alto sem obstáculos, sem moderação e sem pudor(...) (Shakespeare:20) representam o amor verdadeiro. Esta perspectiva pode ser observada na literatura circulante que reflete as angústias e as alegrias de um amor nas caatingas. Onde Lampião e Maria Bonita vivem o amor idealizado pelos amantes.

Esmeraldo Braga em seu livro “A coroa do Rei” expressa a figura mitológica de Lampião e Maria Bonita como o casal perseguido que não tem a liberdade de desfrutar do seu amor, estes são oprimidos não por famílias, mas por todo um sistema, embasado no coronelismo hierárquico que vigorava em todo nordeste brasileiro. Assim, como Romeu e Julieta vão ter a realização completa do seu amor através de suas mortes. O autor explicita ser esse um discurso corrente em todo o nordeste, em dados momentos não explicitamente, mas subtendido na forma a qual os sertanejos se referem ao casal cangaceiro e o sentimento que estes acreditavam existir entre ambos. O casal se transforma em mito por mexer com a sensibilidade de um povo marcado por tantas controvérsias. Permite através da fantasia a fuga de uma realidade insípida

revelando a possibilidade de um romantismo e a crença na possibilidade de um amor que a tudo vence, inclusive a morte.

Oh, Maria, diz Lampião, como quem não pode escolher entre ficar ou partir. Se pelo menos eu tivesse escolha... acomodar num lugar ou viver de arribada, diz ela, e uma única lagrima, semelhante a uma perola de orvalho, desliza por seu rosto até o chão. Seria o livre-arbítrio do homem(...) (Braga:2005; 20)

Dessa forma, segundo Lins, a lenda de Lampião assim como em Romeu e Julieta é excessiva no ódio como no amor. Ela é construída a partir do desamor radical e do amor perfeito. A morte para eles foi conforme a vida; morreram como viveram; sempre unidos, sempre separados.

Buscando na cultura popular subsídios para entender participação das mulheres no cangaço, nota-se que suas histórias são tecidas entre batalhas e romances, ou simplesmente idealizadas. Os contadores recorrem ou faz analogias, freqüentemente, a romances como o de Romeu e Julieta e até mesmo a contos de fadas como Alice no País das Maravilhas, mas há alguns literatos que buscam, em seus processos de produção, os mitos criados e difundidos pela própria fantasia popular.

1.2 - Mulheres Cantadas e contadas no Cordel

A literatura de cordel, recolhendo, registrando e interpretando fatos da vida real, constitui fonte preciosa para História. Em todas as épocas, os poetas cantaram os feitos notáveis dos povos.

Dessa forma cabe à literatura de Cordel escrita, cantada ou recitada nas feiras e nas festas do sertão nordestino, o mérito de ter refletido uma imagem explícita e implícitas da percepção do movimento do cangaço no imaginário popular. Essa literatura transforma e apresenta as mulheres, principalmente Maria Bonita, ora como seres sacrificados pela miséria, ora heroínas do amor, introduzindo o universo feminino nesse meio tipicamente masculino, formado por gente considerada muito dura e rude.

Para Daniel Lins (1997; 194):

A figura da mulher cangaceira integrada à cultura – à maneira dos grandes cangaceiros_ sob diferentes formas, torna-se com o tempo não mais personagem admirada porque grande, mas grande porque admirada.(...)

Percebe-se que a admiração que essas mulheres causavam estava relacionada também com o fato de que elas acabavam não correspondendo ao imaginário de fracas, deviam aceitar os treinamentos e exercícios quase militares, aprender atirar como guerreiras, deviam conhecer as técnicas de autodefesa e luta, era exigido que a mulher fosse antes de tudo cangaceira. Logo eram admiradas não pelas suas características femininas, mas pelas masculinas assumidas. Desta forma confunde-se as fronteiras da diferença de sexos.

Através dos versos que se segue de Antônio Teodoro dos santos pode-se notar uma descrição da história corrente a respeito do cangaço e mais especificamente da relação entre Lampião e Maria Bonita, intitulados Rei e Rainha do sertão.

*“ Cupido fez passa tempo
com Maria e Lampião
ela Rainha ele Rei
governou nosso sertão
cangaço e amor viveu
não foi uma ilustração.
Maria de Guarabira
É que é deste sertão
de Malhada da Caiçaras
Virgulino Lampião
dividiu seu grupo em 12
cada é de uma região”.*

Nota-se que se atribui um papel igualitário entre homem e mulher no universo cangaceiro, denotando um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que se tem um arquétipo da figura feminina, permite-se que este seja transporto no universo cangaceiro, atribuindo a ela um local ao lado dele, e esta se encontra nesta posição porque forte e se o era transforma-se em “mulher-homem”. Portanto pouco importa o que a mulher faz, de qualquer maneira continuara a margem do território viril.

Inteligente, compreendeu Lampião o sentido da advertência: mulher no cangaço do para sexo seria um transtorno e desastre.(...) ela deveria ser mais do que simples amante. Teria de ser cangaceira, para

isso deveria ser adestrada no manejo das armas, trinada nas posições de luta, testada sobre destimidez (Maciel, 1988,48).

Os cordéis normalmente apresentam o casal como exemplo de fidelidade e amor sem medidas. Maria Bonita é a mulher mais citada na literatura de Cordel a qual tive acesso. Nesta ela nunca é descrita só, mas esta sempre acompanhada de “seu homem” Lampião. As histórias de heroínas românticas e sentimentos platônicos alimentam os discursos. O imaginário sobre as mulheres cantadas no Cordel se mostra complexo, estas são descritas ora como, no caso de Maria Bonita, a amada do chefe ou líder, ora como mulher sábia e forte que aconselhava seu homem e era por ele ouvida e ora como a responsável pelo abrandamento no movimento e conseqüentemente a feminização do mesmo.

A literatura e a tradição do cordel denotam a relação entre violência e necessidade de viver, como também são unânimes em sublinhar a coragem e a força das mulheres, que longe do que é considerado seu meio “natural” se vêm as voltas com uma nova forma de viver. Nos versos de Franka explicita-se tal perspectiva:

*“Da historia do cangaço
Muito tem pra se saber:
Enfeite e bala de aço,
Conhaque para beber.
A mulher participando,
Sugerindo nesse bando
Outro jeito de viver.
O cangaço começou
Com o mestre Cabeleira.
Foi dele que iniciou
Toda aquela pasmaceira,
Pela justiça*

*E também pela cobiça
Começou a bagaceira”.*

A mulher é também, nos versos desse mesmo autor, responsável pela o abrandamento e humanização das atitudes dos cangaceiros. Maria Bonita, secundada por outras mulheres, vai aparecer como veículo transformador de guerreiros ou bandidos cruéis em seres conscientes, “impondo aos atos dos cangaceiros os campos das subjetividades. Pouco importa se os cangaceiros ouviam ou não as mulheres: o essencial é que as mulheres, mediante essa coabitação, deram uma consciência aos atos, considerados então como produtos de uma pura inconsciência”.(Lins: 1997, 122)

*“Violência era o lema
Desse bando no sertão
Porém para este tema,
Houve uma amenização
Com força feminina
Ingressando. De menina
Mudando essa visão*

*As geras diminuirá
E ate vida poupada,
Devido ao que pedira,
Alguma foi escutada
Maria Bonita, Dadá
As duas a comandar
No sertão essa cruzada”*

Dessa forma, o encontro entre Maria Bonita e Lampião contado, narrado, cantado numa polissemia quase infinita, parece confirmar que “o imaginário é mais real do que o real e corresponde a uma segunda, ou enésima

elaboração imaginária dos símbolos a sucessivas camadas de sedimentação”(Castoriadis, 1982, 158).

O imaginário popular é alimentado pelas narrativas dos cordéis que atribuíam ao cangaceiro um sexo e uma vontade de transgressão capazes de produzir esperanças materiais e carnavais. Segundo Lins os jornais A Tarde, de Salvador de 31-03-1931, e o Jornal de Alagoas, de 15-08-1931, vão anunciar a existência de um harém sob o controle de Lampião em plena Caatinga. Ínsita assim as fantasias populares a ponto de homens e mulheres, jovens pobres ou ricos sonharem com o universo do cangaço. Lins relata:

Revolta dos signos ou triunfo da fantasia, o imaginário do harém ultrapassa- aqui também- o verdadeiro ou o falso. Ao imaginário o harém, a força do símbolo inválida a postura “ objetiva” e dá ao personagem- lampião – uma imagética que se torna lenda, provocando um acréscimo, uma espécie de transbordamento de sentido .(1997, 93).

Sabe-se, como bem explicita Tânia Navarro, que “o domínio da comunicação são lócus privilegiados de produção do imaginário social e seu corolário, o poder, em suas mais diferentes modalidade-jornais, rádio, televisão, vídeo, cinema, música etc,- criando todo tipo de representaçã/imagem/sentidos, reelaborando enunciados ou introduzindo novos valores/costumes/esperanças/ideais”(1994, 56). O cordel configura-se como veículo não menos importante no domínio da comunicação explicitado pela autora, onde se vê emergir a erotização do cangaço, canta com maestria as tragédias amorosas dos tempos de cangaço, bem como cristaliza um imaginário fantástico e possibilidades em uma realidade marcada pela repressão, injustiças e sofrimentos. Nos versos abaixo de Franka percebe-se a transposição de tal imaginário.

“Pela vida cangaceira

*Ninguém faz a opção
É pedaço de trincheira
Que padece o coração
Nessa sina traiçoeira
Não se vê outra maneira
É só guerra e confusão*

*No resgate da memória
Tudo pode acontecer
Aparece na historia
A mulher para tecer
Outro lado da versão
De Pereira a Lampião
Ela procurou vencer!”*

“A literatura de Cordel, ao contrário da história oficial, canta os ausentes do deserto, fala dos amantes ignorados pelos compêndios de história enaltece o herói autóctone, juvenil, e escreve, à sua maneira, aparentemente não organizado, produz exaltação do Anjo e do Diabo na terra do sol, num sincretismo por vezes confuso, mas não isento de significações importantes”(Lins: 1997,112). Contudo não deixa de transbordar em seus versos os preconceitos existentes na sociedade sertaneja.

Capítulo III: Encontro Marcado

1.1 cangaceiros: mulheres divinas, convite a transgressão

O paradigma do guerreiro forte é colocado à prova depois da entrada das mulheres no cangaço. Num primeiro momento, filhos de seu tempo e conseqüentemente do imaginário brasileiro, os cangaceiros compartilham da superstição que se constrói, desde os colonizadores, acerca das mulheres, estas tidas como expressão do satanismo. Sabe-se, no entanto que a partir de 1930 outra moral sexual vai entrar em vigor, os cangaceiros vão se amoldar, com a chegada das mulheres, a uma nova ordem simbólica.

A entrada das mulheres no bando provoca a insatisfação daqueles que viam expresso em Lampião o símbolo da virilidade. Daniel Lins afirma que:

“A condenação de Lampião decorreu de seu sentimento por uma mulher e não de sua sexualidade ou sexo(...). (...) Os crimes, a violência, os estupros atribuídos a ele – tudo poderia ser compreendido ou perdoado, porém a paixão por uma mulher, jamais! (...) (Lins: 1997, 24).

Para os cangaceiros Lampião começa a morrer ao aceitar a mulher no bando. Sinhô Pereira, mestre e amigo de Lampião, segundo Daniel Lins diz;

(...)Meu filho afastes das mulheres, elas deixam o guerreiro mole, os duros não precisam de fêmeas; deixe isso para os fracos(...) (1997,23).

Através do discurso do sinhô Pereira pode-se perceber uma misoginia que permeia o simbólico. Para Pereira, ex cangaceiro, a única mulher digna de ser respeitada e amada sem medida era a mãe que a cultura ocidental assemelha a imagem de Maria. Segundo expõe Daniel Lins, para o guerreiro, o sexo do cangaceiro como seu coração pertencia a todos.

(...) No meu tempo não havia mulheres no bando. Mulher só podia trazer ás conseqüências, dividindo o homem, fazendo o grupo brigar por ciúme ou por outro motivo qualquer. Eu fiquei muito admirado quando soube que Lampião havia consentido que mulheres ingressassem no cangaço. Eu nunca permiti, nem permitiria (Amorim, 1969)

Segundo estudos acerca do imaginário do cangaço concretizadas por Lins, o cangaceiro deveria copular com o coletivo, com o universo, sem singularidades, sem mitologia privativa, o que os leva, com a inserção das mulheres, a se sentirem traídos por Lampião, trocados e indefesos.

Lins afirma que o Padre Cícero Romão, protetor de Lampião é categórico ao afirmar:

“Lampião será invencível enquanto não houver mulher no bando”.(1997,24)

Sabe-se que Padre Cícero exerceu grande influência sobre Lampião, pode-se dizer que este se configurava como alter ego do mesmo. Dessa forma, Lampião, via-se às voltas com a paixão por Maria Bonita e, segundo a memória popular, tetanizado pelo medo e habitado pela dúvida, afinal não queria perder a admiração e o respeito do bando. Para a maioria dos cangaceiros um Lampião apaixonado ou “enrabichado” por uma mulher, seria um guerreiro ordinário, efêmero. Para eles era o fim do guerreiro e o início da decadência. Lampião não mais seria sinônimo de força bruta e da violência sem romantismo.

O próprio Lampião, segundo Lins, antes da entrada das mulheres impunha aos companheiros um ritual preparatório ao combate pleno de interditos sexuais (1997, 27), o que demonstra que também ele detinha em seu âmago as superstições misóginas que compunham o universo masculino chegando mesmo a declarar que mulher só serve quando se tem necessidade, ou que estas só atrapalham. Ele sabia que para vencer e continuar chefe ele deveria pertencer a todos.

O cangaceiro Balão, integrante do grupo de Lampião e considerado um dos mais bonitos e fegoso do bando, criticou e censurou o capitão. “(...) Este declara ter se sentido traído e abandonado pela insensata decisão do capitão de se deixar fisgar como uma criança por mariola açucarada. Ao saber que Lampião abriria o bando a Maria, e a seguir a outras mulheres, resmungou, se contorceu, ficou irado. Ele nunca perdoou o capitão (...) (Lins: 1997,25)”.

Portanto a entrada das mulheres no cangaço trás para o bando de Lampião uma instabilidade no campo emocional, pois seus membros se sentem desprovidos da cumplicidade e da posse de um universo que até então era característico dos machos, dos cabras. Os cangaceiros falam dessa fase como uma das mais delicadas do movimento, onde pelas mãos daquele que era pai, mãe e companheiro tem-se o rompimento do isolamento que os fortalecia e unia.

Lins explicita que:

Especialistas da história do cangaço, jornalistas, volantes, curiosos ou aprendizes de feiticeiro, muitos viram nessa escolha o repouso do guerreiro e o fim da heroicidade do bandido. Entregue ao amor de uma bela, Lampião teria descoberto o sabor das bebidas finas, elegendo o conhaque Macieira e o uísque White Horse como degustações prediletas. Outros consideravam a idéia de que a chegada

das mulheres coincide com a decadência guerreira, física e moral do cangaço e do grande bandido, que se entregava aos prazeres das boas mesas e do leito amoroso (1997,28).

Dessa forma ao aceitar as mulheres no cangaço Lampião não transgride apenas os preceitos e preconceitos da sociedade, mas também a própria ética moral do bando.

No entanto os primeiros tempos de convivência com as mulheres, os cangaceiros, ou pelo o menos algum deles, passam a perceber a realidade de uma forma diferente. O medo se transforma em companheirismo e cumplicidade e estes, adaptam-se a um novo código de ética imposto por Lampião, onde a igualdade se configura como eixo inovador propiciando a coabitação e de certo modo a emancipação conquistada pelas mulheres dentro do movimento cangaceiro.

Para Lins a o encontro imagético, entre as mulheres e os cangaceiros, acontecia sem grandes contradições, antagonismos de classe ou lugares. Segundo o mesmo autor, (...)cangaceiros e mulheres navegavam na transgressão e faziam da existência um espaço de violação de tabus, lugar de festa, de combate e sangue. Na exacerbação de seus atos, ambos elevavam ao infinito as contradições sociais, fazendo da exclusão, embora inconscientemente, um trampolim para um salto maior(...)(1997, 78).

Neste contexto pode-se ver a entrada das mulheres no cangaço como uma Revolução, uma quebra de paradigmas, tanto no que diz respeito ao universo e trajetória feminina que transformando a ideologia masculina, quanto no universo do macho, seja ele cangaceiro ou dos volantes que diferentemente dos primeiros, não tinham a possibilidade de vivenciar na prática o romance no cangaço.

1.2 Visão dos Volantes

Assim como na perspectiva dos cangaceiros e das mulheres os Volantes ou Macacos, conhecidos como caçadores de cangaceiros, viam-se embalados pelo imaginário a se formar e reproduzir no sertão nordestino em tempos de cangaço.

Bandido ou soldado na cultura sertaneja ambos se configuraram como indivíduos deslocados. Lins afirma que este deslocamento os leva a pertencer simultaneamente a diferentes grupos, cujas relações foram historicamente marcadas pela dominação um do outro. Uma disputa de poder, onde os cangaceiros, por contar em sua maioria com o apoio ou simpatia sertaneja e até mesmo representar uma aversão ou alternativa à estrutura social que vigorava, despertava nos volantes o sentimento de inveja e desejo.

“Os sertanejos alimentavam ódio e desprezo pela polícia em geral contra as autoridades” (Lins:1997;108), o que de certa forma favorecia aos cangaceiros. Tem-se casos de volantes que viraram cangaceiros, como também de cangaceiros que se tornaram volantes. Este fator denota que mesmo estando de lados opostos o imaginário de cangaceiros e volantes ora se confundem e se almejam.

No que tange á inserção das mulheres, instigados pelo imaginário social, que denotava Lampião como um personagem fálico e insaciável, vamos ter por parte dos soldados das Volantes ou macacos a formação de fantasias a respeito da relação homem/ mulher nas catingas do nordeste. Estes fantasiavam orgias e bacanais imaginários. Para Lins os soldados da Volante, rastejadores embriagados pela solidão e sonhando com o sexo e o dinheiro do bando, buscavam encontrar não apenas as marcas dos passos dos cangaceiros, mas sentir o cheiro do amor:

.... ao descobrir um lugar onde o bando havia acampado os macacos se jogavam como bichos no cio, a procura de um signo, uma marca, algo que lembrasse as noites de “orgias” do cangaço. Os mais novos procuravam em vão um odor, um cheiro de sexo, o esperma ressecado, visto que os sujeitos da orgia haviam desaparecido(...) (Idem: Ibidem; 64).

Neste contexto os soldados não podiam deixar de imaginar, ou mesmo desejar os corpos das cangaceiras. Lins explicita que um ex- soldado da volante indaga: “Se eles podiam comer as cangaceiras, por que a gente não podia fazer o mesmo”(Idem:Ibidem;65).

Para Daniel Lins a expressão “gostar de comer-outro”está todavia, ancorada num registro polissêmico. Se é verdade que quem “come” é o homem, este não “come” qualquer “coisa”!. Quando ele ama não come. Mas é porque ama que deseja comer; todavia esse comer é figurativo, é uma prova radical do seu amor. Quem ama sempre deseja comer, mas nunca come. Só se come quando não se ama. Come-se a puta, a bicha, a galinha, a mina etc. o homem deseja sua amorosa, mas não a come: no imaginário, ele a come ; na realidade, não. Esse paradigma denuncia o paradoxo do poder masculino sobre o corpo da mulher e anuncia uma falocracia, da qual os soldados das volantes almejavam fazer parte.

A chegada das mulheres ao cangaço instaurou uma crise na identidade masculina, e conseqüentemente na dos soldados, “ atrás do imaginário da ordem e da violência, outros imaginários se superpõem fazendo emergir situações aparentemente paradoxais, ricas porém em significações, relativizando assim a última interpretação, a palavra final da história.”(Idem, Ibidem, 165).

No episódio referente a morte de Maria Bonita e Lampião podemos perceber, embasados nos atos dos soldados, a que ponto os seus desejos os levaram. Daniel Lins relata que depois de Maria Bonita morta e degolada, ela pertencia finalmente a todos e esses:

(...) se jogaram contra ela e, numa cerimônia macabra, numa visão saturada do mal cuja história brasileira é gulosa, despojaram o cadáver, dividiram as jóias, o dinheiro, e expuseram o corpo “numa posição grotesca, as pernas abertas e uma vara fincada na vagina”(…) (Idem: *Ibidem*;187).

José Panta de Godoy, o primeiro a atirar em Maria Bonita, gravou no lugar do crime seu testemunho(Lins 1997, 188):

Levantamos a saia dela para ver melhor sua calcinha vermelha. Uma vez cortada sua cabeça tive que bater forte, até o osso; havia muito sangue. A seguir, meti o dedo no miolo da cabeça dela, era muito branco, me sujei todo. Sua calcinha estava suja de sangue por causa do impacto da bala!

Logo, os atos dos soldados nos remetem ao desejo de enfim se apossar do mito, ou mesmo confirmar, que Maria Bonita era uma mulher de “carne e osso” como todas as outras e como tal sangra, morre e se acaba. Com sua morte e violação não foi só seu corpo violado, como também tudo que representara para os cangaceiros, sertanejos e o próprio movimento do cangaço. Esta não era mais a rainha do herói, mas pertenciam a todos, ao coletivo e era o símbolo da vitória dos soldados, do poder ou mesmo do Estado.

No entanto, diferentemente da idealização de um imaginário promíscuo como regra do cangaço, Sila afirma que dentro do movimento as pessoas se respeitavam e a vida em comunidade era regulada como numa ordem religiosa. Em oito anos de coabitação entre homens e mulheres no cangaço, Lins afirma,

ter encontrado ao longo de suas pesquisas, somente três casos de infidelidade explícita reportados, contrariando os discursos literários ou imaginários que norteavam a mentalidade sertaneja e mais especificamente dos soldados das volantes.

Além dessa imagem altamente carnal e sexual da relação feminino/masculino no cangaço. A participação da mulher no mesmo também foi reproduzida pelos soldados como ato de coragem. Em entrevista concedida a Paulo Gil Soares publicada em seu livro *Vida, Paixão e Morte de Corisco, o Diabo Louro*, José Rufino, coronel e caçador de cangaceiro, quando indagado a respeito das mulheres nos combates declara ter feito combate contra elas mas não as viu:

...quando combatia assim, era difícil de ver uma mulher. No dia em que eu matei Azulão, com uns cabras companheiro dele, eu matei a mulher dele também. Em outro combate com grupo de Mariano, eu matei um cabra e peguei a mulher dele. Depois no combate que eu matei Corisco, Dadá saiu com a perna quebrada. (Soares, 1984, 28).

Para Rufino as cangaceiras eram mulheres endiabradas e valentes, mas até do que muitos cabras. Ouvia falar muitos nelas, eram muitas histórias, contadas principalmente pelos coiteiros, sertanejos que abrigavam e protegiam os cangaceiros.

Portanto o imaginário social dos soldados da volante denota e fortalece a imagem das mulheres no movimento do cangaço. Assistimos há uma guerra de lugares entre cangaceiros e soldados, onde a relação de poder é demonstrada através dos atos de um contra o outro, o desejo de um pelas coisas ou vivência do outro.

1.3 Considerações finais

Cangaceiras: Rebelião, Romantismo e Liberdade

Maria Bonita

*Caatinga sofrida, desvalida
Em presença, desmandos insultando
Um povo carente, em demências
Um desejo pequeno, um suspiro
Por razões avessas, a surgir
Um símbolo de luta, a vingança
E nesta caatinga tão cinzenta
Viu surgir uma mulher
Em tons de luta
Seu desejo, encontrar um amparo
Na vil luta, premissa do cangaço
Ente os bandos sua voz já ecoava
E sua palavra mulheres abalava
Dentre tantos homens desmereciam
Sua trágica luta permeavam
Um novo caminho entre macacos
Cerceado por balas vorazes
Por razões que só o desejo elucidara
Ela, o cangaço... Lampião
Em Angico... a tragédia encontrara!
Francisco Batista*

Caatinga, sertão, nordeste, enunciados a compor a imagem na qual se vê refletida as mulheres, cangaceiras a reverberar sonhos e convicções. De discurso em discurso reflete-se a imagem das mulheres no movimento do cangaço. Heroínas, prostitutas, guerreiras, bandidas ou mulheres de cangaceiros; retóricas que compõe o imaginário social e cristaliza-se na história e na memória.

Através do estudo dessas mulheres cangaceiras é possível adentrar na diversidade de suas representações que ultrapassam as barreiras do movimento projetando-se na constituição da sociedade sertaneja e de modo geral da brasileira. Mulheres que se mostram espectadoras e atrizes de uma modificação nas relações entre os sexos, devoradas pela guerra e pela transgressão.

Enquanto entre as definições visuais da feminilidade moderna impõe-se a da dona de casa e rainha do lar as cangaceiras promovem uma descontinuidade dentro das continuidades, introduzindo uma história sexuada do cangaço.

Dessa forma sua inserção não só transgride como revoluciona, parafraseando Nietzsche, traz a “transvaloração de valores colocando a verdade instituída em questão” esta fruto de “ uma moral , uma avaliação e uma classificação hierárquica dos instintos e dos atos humanos”(Nietzsche: 2002;24).

Sabe-se que a posse do controle do imaginário é uma peça essencial do dispositivo do poder, e do poder político em seu sentido mais amplo, que contempla o funcionamento da sociedade como um todo (Swain: 1994; 54). Desse modo a figura da mulher cangaceira integra a cultura, como foi mostrado ao longo do presente trabalho, de forma coletiva e multiforme .

As obras literárias, bibliográficas ou históricas, como explicita Lins, reatam na sua maioria o pensamento único a respeito do cangaço. Esta representa o consenso da lei social brasileiro fundada sobre preconceitos. Não leva-se em conta para tal o indivíduo na sua história, os processos e as condições de produção da linguagem, a análise da relação estabelecida pela língua como os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer (Orlandi:2000;40).

Esta pesquisa histórica, portanto procurou analisar as diferentes perspectivas pelas quais se observa um fato histórico, mulheres no cangaço, enveredando-se na constituição do imaginário sertanejo. Recusou, no entanto a repetição de uma história unívoca e homogeneizadora. Nega “ aquele mormório infundável de reafirmação da ordem, de criação incessante de um mundo pensado de forma binária, conjugada no masculino, nas articulações de poder,

nas economias gerais do saber construtoras de hierarquias, diferenças e desigualdades (Swain: 1994;25)”. Pois é notória que as diferentes perspectivas pelas quais se observa um fato, ou acontecimento, dão origem a uma multidão de diferentes objetos de conhecimento.

O estudo desta descontinuidade no leva a refletir a respeito desta criação do Cangaço como espaço de “rebeldia e romantismo” que permêa a sua constituição. É certo que, mesmo dentro do movimento, as mulheres ainda vão se vê frente a uma estrutura nos moldes da sociedade patriarcal, no entanto “ podemos dizer que no contexto da sociedade sertaneja o cangaço fez eclodir uma economia libidinal de relação erótica , de amplexos orgásticos e de romance amorosos , diferentemente da relação de reprodução ou prostituição á qual a maioria delas estava confinada (Lins: 1997;76)”.

As mulheres encontram na comunidade cangaceira , além do sexo, festa e prazer, como entendido por alguns estudiosos, também a dureza de uma vida que se afirma frente as dificuldades naturais do sertão e as sociais, marcadas por preconceitos. Uma vez integradas ao movimento , como explicita Lins, tornavam-se cangaceiras, o que lhes dava uma identidade e um espaço de “autonomia”, mesmo que limitada, um nome, uma significação. Conquista-se dessa forma uma Liberdade, limitada pela ética cangaceira e pelo poder de Lampião e dos cangaceiros.

Assim o cangaço se configura como possibilidade de transgressão, de constituição de um espaço de violação de tabus, de combate e de sangue. Violência instituída por violência que institui violência.

Portanto se ficção ou realidade , pouco importa, o que no é importante é perceber que as formas de conceber as relações sociais desempenham um papel

importante e determinante na constituição das sociedades e nesta o discurso quase nunca é isento , logo se o individuo pode ser considerado produto da história este também pode e deve ser, produtor da mesma.

Fontes

Jornais:

- Diário de Pernambuco (1966)
- O Cruzeiro (1938)
- O Povo (1994)
- O Estado de São Paulo

Cordel

- A mulher e o Cangaço (Franka)
- Lampião e Maria Bonita (Dila José Ferreira da Silva)

Livros

- LINS, Daniel. *Lampião: o homem que amava as mulheres*. São Paulo: Annablume, 1997.
- SOUZA, Ilda Ribeiro de e ORRICO, Israel. *Silva uma cangaceira de Lampião*. São Paulo: Traço, 1984.

Bibliografia

- AMORIM, Oswaldo. *O homem que dirigiu Lampião*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 25 e 27 de fevereiro.
- ARAÚJO, Antônio Amaury de. *Assim morreu Lampião*. São Paulo: traço, 1982.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985.
- BRAGA, Esmeraldo. *A Coroa do Rei*. Goiás. Mandacaru, 2005.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- SHAKESPEARE, W. *Romeu e Julieta*. São Paulo. Lesso e irmão editores, s/n.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.
- LINS, Daniel. *Lampião: o homem que amava as mulheres*. São Paulo: Annablume, 1997.
- MACIEL, Frederico Bezerra. *Lampião, seu tempo e seu reinado. A campanha da Bahia Vol IV*. Petrópolis: vozes, 1987.
- MELLO, Frederico Pernambuco. *Grerreiros do sol: o banditismo no Nordeste do Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1985.
- MOTTA, Leonardo. *No tempo de Lampião*. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1970.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Para além do Bem e do Mal*. São Paulo. Martin Claret, 2002.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimento*. São Paulo: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Unicamp, 2000.
- PERROT, Michelle e DUBY, Geoges. *História das mulheres no Ocidente*. São Paulo: Edições afrontamentos, 1991.
- PRIORE, Mary Del.(org). *Historia das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- SILVA, João Bezerra. *Como dei cabo de Lampião*. Recife: Massangana - Fundação Joaquim Nabuco, 1983.
- SOARES, Paulo Gil. *Vida , paixão e mortes de Corisco, o Diabo Louro*. Porto Alegre. LePM Editores, 1984.

SOUZA, Ilda Ribeiro de e ORRICO, A. Israel. *Sila uma cangaçeira de Lampião*. São Paulo: Traço, 1984.

SWAIN, Tânia Navarro(org). *História no Plural*. Brasília : Unb,1994.

SWAIN, Tânia Navarro. *Intertextualidade: perspectivas feministas e foucaultianas*. Revista digital Labrys: estudos feministas, Brasília, v.4. janeiro/ julho 2004.

Filmografia

O CANGACEIRO. Direção: Lima Barreto. Produtor: Cid Leite da Silva.
Brasil, 1953. VHS 105m.

LAMPIÃO, O REI DO CANGAÇO. Direção: Carlos Coimbra. Brasil, 1963.
VHS: 115m.

MARIA BONITA, RAINHA DO CANGAÇO. Direção: Miguel Borges.
Produção: Rubens Barbosa. Brasil, 1968. VHS: 100m.

Curta Metragem

Memória do Cangaço. Direção: Pedro Paulo Gil.

A mulher no Cangaço. Direção: Hermano Penna. Brasil, 1976.

ANEXOS

A Mulher e o Cangaço

*Da história do cangaço
Muito tem pra se saber:
Enfeite e bala de aço,
Conhaque para beber.
A mulher participando,
Sugerindo nesse bando
Outro jeito de viver.
O Cangaço começou
Com o Mestre Cabeleira.
Foi dele que iniciou
Toda aquela pasmaceira,
Pela fala de justiça
E também pela cobiça
Começou a bagaceira.*

*Violência era o lema
Sesse bando no sertão,
Porém, para este tema,
Houve uma amenização
Com força feminina
Ingressando. De menina,
Mudando essa visão.*

*As geras diminuíra
E até vida poupada,
Devido ao que pedira,
Alguma foi escutada.
Maria Bonita, Dadá,
As duas a comandar
No sertão dessa cruzada*

*A mulher só ingressou
A partir de Lampião.
Muita coisa se mudou
Com a sua opinião
Pois Maria interferia
Da maneira que podia
Em cada situação*

*Maria, a mais bonita
Que uma bola prateada,
Usava batom e fita
E andava bem armada,
Se um carro dirigia,
A Ford toda rangia,
Em tudo foi ela ousada.*

*Dadá foi audaciosa,
Rimava na pontaria,*

*Para ter honra levada,
Como chamam por aqui.*

*Eu falo da violência
Que vitima a mulher,
Que justiça silencia
E todos fazem o que quer:
Estupra, pisa e bate
E no meio do debate
Tudo fica como é.*

*O destino de Cristina
Foi morrer assassinada.
Diferente de Enedina
Que morreu numa rajada.
Da volante, ou traição,
Elas morriam no sertão.
Faca, pau, bala crivada.*

*Rosinha, Lili e Lídia,
Nesta "LEI" assassinaram
Cangica, Áurea, Maria,
Pela volante tombaram.
Muitos como Zabalê
E também como a Nenê
Da luta participaram.*

*Durvinha e Arvoredo,
Cangaceiros do sertão,
Figuras de um enredo
Com muita decapitação.
Esta é uma homenagem
Que trago nesta mensagem
No folheto a intensão.*

*Pela vida cangaceira
Ninguém faz a opção.
É pedaço de trincheira
Que padece o coração.
Nessa sina traiçoeira
Não se vê outra maneira,
É só guerra e confusão.*

*No resgate da memória
Tudo pode acontecer.
Aparece na história
A mulher para tecer
Outro lado da versão,
De Pereira a Lampião
Ela procurou vencer!*